

Psicanálise: território de travessia, diálogo nas fronteiras⁸⁸

Silvana Rea⁸⁹

1.

Imagem escolhida para o II Simpósio Bienal SBPSP, as dunas são uma metáfora poética de uma fronteira em movimento. Ao sabor do vento, elas são formadas por migrações de variados lugares, mesclando um no outro por um deslocamento poroso.

A imagética de fronteira nos remete a rios, cancelas, portos, geralmente guardados por torres de observação. Do alto, um olhar ampliado que não apenas vislumbra os dois lados da divisa, mas que vai além nas duas direções. Uma visão privilegiada, que permite a abertura ao outro e não a cegueira de quem está unilateralmente diante de um muro. Este, condenado a ser pautado por dicotomias pobre/rico, branco/negro, nacional /estrangeiro.

São vários os motivos para os deslocamentos humanos. Para o escritor palestino Edward Said (2001) os refugiados, uma criação do Estado do século XX, são resultado dos tempos de nacionalismos “bem-sucedidos”, de guerras, do imperialismo e das ambições quase teológicas de governantes totalitários. Um coquetel que cria rebanhos de pessoas sem sítio, no movimento de deixar uma terra que não é mais para tentar alcançar outra terra que não é ainda.

Said estabelece uma associação fundamental entre nacionalismo e exílio, opostos que formam e constituem um ao outro. O primeiro é a afirmação de uma pátria, uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. O segundo, ao contrário, é um estado de ser descontínuo, uma fratura entre alguém e seu lugar natal, separado das raízes e do passado.

O exilado e o refugiado vivem com o estigma do forasteiro, submetidos a nacionalismos xenófobos que atribuem a verdade exclusivamente ao que se entende por “nós” e relegam os outros à inferioridade, excluindo-os em um perigoso território de não pertencimento e de não direito à existência. Um “privilégio” dado não apenas aos desterrados que vem de longe, mas àqueles diferentes que estão perto, muitas vezes ao lado, e que são condenados a ficar

⁸⁸ Trabalho apresentado na plenária ““Psicanálise: diálogo nas fronteiras” no II Simpósio Bienal SBPSP “Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento””, no dia 28 de agosto de 2020.

⁸⁹ Membro efetivo e Diretora Científica da SBPSP, Doutora em Psicologia da Arte pelo IP-USP.

excluídos por fronteiras invisíveis. Ou, para usar a expressão de Achille Mbembe (2011), escolhidos para morrer pela instauração de necropolíticas.

2.

À semelhança, Freud é um sujeito da diáspora. Sua família fugia da perseguição aos judeus desde o século XV, até aportar no século XIX na Áustria alemã, inicialmente em Freiberg. Nascido na Morávia, ele se instala em Viena em um entre-dois: adota os aspectos identitários vienenses mantendo algo de si sempre alhures, no espaço marginal do não-lugar. Uma posição paradoxal de estar dentro e fora que pode ter comparecido na construção da Psicanálise, pois como na diáspora ela está no entre-dois e sempre em movimento; uma disciplina que foi – e continua - constituindo-se pelas fronteiras (Fuks, 2015).

Freud iniciou sua carreira na medicina, dedicando-se à fisiologia das enguias e das lampreias nos moldes da pesquisa científica da época. Depois dedicou-se à neurologia frequentando Charcot e trabalhando com Breuer, marco de seu novo caminho profissional.

Sabemos que Freud buscou o território do Outro nas figuras de seus vários interlocutores, alguns em experiências de alteridade bastante radicais. Conhecemos a importância das cartas ao neurologista Fliess para os primórdios da Psicanálise. E o lugar de “amado adversário” que ocupou na interlocução com Pfister, comentador de seu “O futuro das ilusões” (Freud, 1927/2010) - um judeu sem Deus e um pastor protestante. Bem como as missivas com os escritores Stefan Zweig e Romain Rolland, cujo sentimento oceânico é retomado em “Mal-estar na civilização” (Freud, 1930/2010). Ainda Einstein, com quem concordava em questões relativas a paz, como exposto em “Porque a guerra?” (Freud, 1932/1969).

Mas, mesmo que frequente rotineiramente os domínios da ciência, da arte, da estética, da filosofia, da literatura e da religião, a Psicanálise mantém a sua autonomia, conservando sua característica de um saber multiterritorial.

3.

Winnicott (1975) diz que não há invenção sem uma base de tradição. Não seria diferente com a Psicanálise, que se constituiu simultaneamente como tributária e crítica da modernidade.

O percurso psicanalítico se dá pelas bordas de seu tempo e suas ultrapassagens, portanto, fundamental o contextualizarmos na História. O primeiro passo é o conceito de homem; uma invenção moderna, que se dá juntamente com o nascimento das ciências. Esta concepção só foi possível a partir da crise da ordem feudal, momento em que Deus deixa de ser a garantia da ordem social e do destino; a chamada “morte de Deus”, que desloca a preocupação humana do mundo além morte para a realidade do mundo em que se vive.

Mas é a noção de eu, elaborada pelo Romantismo na passagem do século XVII para o XVIII, que faz com que a modernidade seja centrada no indivíduo e na soberania da consciência e da razão. Ao professar uma subjetividade voltada para si mesma, o ideário romântico faz nascer a noção de sujeito e de subjetividade (Foucault, 2011).

O século XVIII é também a época da catalogação do conhecimento humano pelo Enciclopedismo. E do Iluminismo, com sua crença na racionalidade do conhecimento científico, cujo progresso intelectual e técnico libertaria o homem de suas angústias e necessidades.

No entanto, o projeto da modernidade mostra as suas falhas. A especialização das ciências fragmentam o conhecimento de tal modo, que se perde a concepção unitária do homem. Perde-se assim o sentido de totalidade tão caro ao Romantismo. Concorre para este abalo o fato de que se perde também a segurança da experiência do homem no mundo: agora tudo é móvel, na frenética velocidade do Futurismo de Marinetti. E os papéis sociais deixam de ser estáveis, passando a configurar o sentido de uma identidade aberta e incerta. O homem da modernidade é dividido e múltiplo; o emblemático jogo Dr. Jekyll/Mr. Hyde no *O médico e o Monstro* de Stevenson.

4.

Consonante com o momento histórico, Freud começa o trabalho clínico e a elaboração seu corpo teórico em plena crise da razão iluminista e da identidade fundada na noção de idêntico, próprias do final do século XIX e início do XX. E no espírito do tempo, frequenta em Viena (1874) o curso de Psicologia do filósofo

Franz Brentano, que se dedicava à investigação de uma “consciência inconsciente” atuando no psiquismo.⁹⁰

Mas se por um lado a Psicanálise se constrói mergulhada no espírito moderno, ela consegue ultrapassá-lo. O interesse de Freud pelo pressuposto de Brentano o conduz por outro caminho, levando o conceito de inconsciente ao estatuto de alteridade, com leis e lógica próprias. Assim, ele simultaneamente expande o sujeito racional do Iluminismo em direção ao sujeito do desejo, e constrói uma terapêutica que considera o novo homem, de subjetividade fendida e consciência descentrada.

Ao escutar o que estava exilado nos hospícios e manicômios, compreendendo o sofrimento das pacientes histéricas como conflito, Freud estabelece o seu pilar epistemológico: a noção de inconsciente, que propõe a alteridade de nós a nós mesmos, propõe a diferença em nós. O campo de conhecimento psicanalítico inaugura-se pela alteridade.

Em confronto com o saber psiquiátrico e neurológico de seu tempo, sustentados pelo organicismo e cujas práticas de internação permitiam definir uma fronteira clara de excluídos, a Psicanálise afirma-se como alteridade apresentando a noção de que o sofrimento do homem moderno vem dele mesmo. O fronteiro conceito de pulsão coloca em cheque a organicidade pura. E se por um lado ela opôs-se, por outro contribuiu para que a Psiquiatria se dirigisse a um novo conhecimento, criando a aliança entre as duas disciplinas a partir do século XX. Ainda, mantendo a sua vocação de porosidade, ofereceu hospitalidade para a interlocução com as neurociências do século XXI.

Após a temporada em Salpêtrière com Charcot, que centrava seu ensino no olhar pelo uso da imagem e pela exposição das pacientes ⁹¹, Freud retorna a Viena inaugurando uma prática clínica centrada na escuta, cujo emblema é o uso do divã (Roudinesco, 2010). Uma escuta flutuante, atenta aos deslizes e às lacunas, que leva a Psicanálise a ocupar os umbrais do ainda não dito, daquilo que escapa.

É a partir desta prática de atendimento que se organiza o pensamento psicanalítico. E também no processo de escrita desta escuta, em histórias clínicas que subvertem o modelo médico de observação e de relato de sintomas. Ao

⁹⁰ Em *Chistes e suas relações com o inconsciente*, Freud cita a conexão entre chistes e enigmas sugerida em 1819 por Brentano, em no livreto *Novos enigmas*, escrito sob o pseudônimo Aenigmatias.

⁹¹ Sugestão de leitura: Didi-Huberman, *A invenção da histeria*.

centrar-se a história do doente e não da doença Freud inova, abordando um objeto que conquista o estatuto de sujeito. Trata-se de uma escrita que apresenta a psicopatologia do ponto de vista narrativo e não descritivo e, neste sentido, compartilha fronteira com o estilo literário - como ele mesmo admite em "Estudos sobre a histeria" (Freud, 1895/1969).

Portanto, o corpo teórico psicanalítico constrói-se pelo entrecruzamento das fronteiras da clínica e do pensamento sobre esta prática; bordas em contínua tensão, posto que cada atendimento coloca em crise a relação com o saber prévio, a teoria, o já pensado. A clínica tem como premissa ultrapassar o conhecido, exigindo uma reavaliação constante.

5.

O advento da I Guerra encerra a utopia moderna, evidenciando o fracasso do projeto da ciência e da técnica como construtores de um mundo próspero e pacífico.

Foi no calor deste conflito bélico que Freud escreve "Reflexão para os tempos de guerra e morte" (1915a/1969) e "Sobre a transitoriedade" (1915b/1969). Um debruçar sobre a destrutividade humana que preparou a guinada teórica dos anos 1920, quando ele reorganiza a sua teoria das pulsões na dualidade pulsão de vida e pulsão de morte.

Em 1918 Freud avança mais uma fronteira. Em seu discurso no V Congresso Psicanalítico Internacional em Budapeste, ele afirma que a Psicanálise deveria ser um direito de todos os cidadãos e que caberia ao setor público o atendimento daqueles que não pudessem pagar. Uma posição que estimulou a segunda geração de psicanalistas a criar as "Policlínicas Psicanalíticas", que floresceram no período entre guerras até a ascensão do fascismo.

O discurso de Budapeste mostra não apenas a porosidade da clínica, mas uma clara linha demarcatória do compromisso político dos psicanalistas, cuja proposta afinava-se com política da social democracia vienense. Como aponta Elizabeth Danto (2019), a primeira guerra fez com que Freud insistisse na ampliação do alcance da atuação psicanalítica, proposta que foi retomada nos anos 1960 na Argentina com Angel Garma e Pichon-Rivière e no Brasil nos anos 1970 com Hélio Pellegrino no Rio e Jorge Broide em São Paulo.

6.

Ainda que Freud tenha buscado o reconhecimento na ciência de seu tempo, cedo a tarefa mostrou-se impossível. Podemos lembrar que na posição de neurologista, a elaboração do “Projeto para uma psicologia científica” (1895/1969) atendia ao compromisso de inserir a Psicanálise nos domínios da ciência natural. No entanto, a exigência racionalista de coerência lógica e de síntese impediu o seu ingresso.

A questão é a natureza do objeto psicanalítico, na dupla posição que mencionei ao me referir ao estilo literário dos relatos clínicos. No entre-dois, a Psicanálise dedica-se a um objeto que é simultaneamente sujeito. Ela ocupa um lugar fronteiro entre o subjetivismo da posição e o objetivismo das ciências naturais. Portanto, o *locus* psicanalítico é o lugar onde sujeito e objeto coincidem em processo permanente de mútua constituição. A Psicanálise se coloca (e nos coloca) no contínuo movimento pelas margens da ontologia e da epistemologia, por entender que sujeito e objeto estão em relação dinâmica de constante tensão; uma dialética sem síntese como diz Merleau-Ponty (2002).

Esta definição do objeto psicanalítico coloca-o em plena transicionalidade, conceito explorado por Winnicott (1975). Neste lugar, ele se apresenta como o terceiro objeto, que não pertence nem ao analista nem ao analisando, sendo constituído pelo encontro das fronteiras de ambos. O terceiro analítico, como denominou Ogden (1996); uma subjetividade terceira, a inter-relação entre as subjetividades individuais e a intersubjetividade.

Outra fronteira estabelecida pela Psicanálise, e que a diferencia de outras clínicas, é que o seu trabalho se dá no campo transferencial. O processo da transferência cria espaços de trânsito contínuo entre real e imaginário, entre a realidade objetiva e a do conflito psíquico, a interna e a externa - o que leva Fabio Herrmann (1999) a afirmar que o processo de análise é uma “realidade ficcional”.

Mas a transferência também transita pelos limites do eu ao outro - paciente e analista - por sua capacidade de migrar as representações entre eles. O que nos leva à questão da ética psicanalítica, particularmente na definição do filósofo Emmanuel Lévinas (2014), cuja a ideia de alteridade nos leva à compreensão da relação com o Outro entendendo-o como Outro e não “outro eu” – que indica o ato de domínio e de violência.

7.

A natureza do objeto psicanalítico, que fechou as portas do *establishment* científico a Freud, encontrou parcialmente novos registros epistemológicos nos sonhos, nos mitos e nos poetas, visitados por ele para elaborar o seu pensamento (Fuks, 2000).

Sempre nas bordas, ao terminar “Totem e Tabu”, Freud (1913/2012) usa seu humor mordaz e escreve a Jung em 1911: “Tenho às vezes a impressão de que quis manter apenas um pequeno caso e descobri com o tempo que deveria me casar com a outra mulher” (*apud* Assoun, 2012). Aqui, a “outra mulher” é a cultura ou a teoria da cultura, cujo “caso amoroso” o leva a tomar para si o esclarecimento dos vínculos sociais. Em “Mal-estar na civilização” (Freud, 1930/2010) apresenta o desamparo e o desconforto como estrutural e no centro do processo cultural. E que os sintomas individuais também são sintomas da cultura - a desarmonia entre pulsões e civilização.

Mas é em “Psicologia de grupo e análise do eu”, que Freud (1921/2010) afirma com clareza a inexistência de oposição entre psicologia individual e psicologia social ou de massas, deixando evidente que a ligação com a cultura não diz respeito apenas ao saber do social, mas está intrinsecamente ligada à clínica do sujeito. Em outras palavras, Freud reafirma o que ele próprio vivera na elaboração da teoria e da prática psicanalítica: que a clínica do sujeito situa-se em porosidade com os vínculos sociais, uma vez que a clínica do singular e a dimensão do cultural são solidárias e em boa vizinhança.⁹² E na sequência, ele indica que é a presença do Outro na vida psíquica individual que faz com que a psicologia individual seja sempre psicologia social.

Assim, fica evidente que a Psicanálise não apenas se constitui como campo do saber pela alteridade, mas na alteridade. Porque supõe que as bases da vida humana e seu processo de subjetivação se dão a partir da presença fundante do Outro. É o que mostra já em “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914/2010): o narcisismo parental investido no filho e reeditado em forma de amor pelo outro, dá início ao processo de formação de si por meio de múltiplos lutos dos objetos amados, que se ampliam em múltiplas identificações. Portanto, igualmente

⁹² Quase cem anos depois, Janine Puget (2018), reconhecendo a inevitável presença do outro, vai sugerir que no lugar de enquadrar se usasse o termo “dispositivo analítico”, uma vez que considera as questões sócio culturais presentes no campo.

fundamental o movimento identificatório, primeira experiência de laço amoroso onde um comparece no outro e condição necessária para que o ser humano seja sujeito, tema que Freud vai explorar em seu trabalho de 1921.

8.

Diferentemente do homem fendido da modernidade, o homem contemporâneo sofre de insatisfação existencial, de um estado amorfo e banal, de um vazio, de desencantamento do mundo e, sobretudo, de dificuldade para relações de alteridade.

É o espírito do tempo. Vivemos uma organização social cujo sistema cultural traz grande dificuldade para que se tenha um espaço interno onde se construam as mediações simbólicas, dificultando as transformações do narcisismo. A força das redes sociais e das relações virtuais, e a espetacularização do universo privado, criam um sentimento de vulnerabilidade narcísica que estimula o funcionamento binário. Somos levados a construir inimigos onde se possa depositar temores e descarregar a hostilidade. Levados à necessidade de elevar muros.

Quanto mais vulneráveis estivermos em nosso narcisismo, mais débil a capacidade de conviver com o outro, e mais feroz será a busca por uma identidade fixa e por uma posição impermeável, na qual a alteridade é uma ameaça. E sem a possibilidade de um espaço simbólico de reflexão e pensamento, corremos o risco de que a força pulsional flua sem limite, como a evacuação direta da passagem ao ato.

São estas as questões narcisistas que marcam os sofrimentos psíquicos contemporâneos. A referência neuróticos e não neuróticos, mostra que as delimitações claras entre neurose pura e psicose não operam aqui. Os termos paciente-limite, ou *borderline* (Green, 1988) recobrem uma multiplicidade de questões e sinalizam que estamos em uma região de fronteiras mal definidas.

O sofrimento narcísico reitera a importância das relações intersubjetivas na constituição do psiquismo. Ele aponta para uma falha no processo de construção de si pela falta de um objeto cuja função simbolizante garantisse a contenção ou moldura para a intensidade pulsional. Sem contorno firme e sob o risco de transbordamento, a defesa é efetuar a desconexão entre o psíquico (eu) e o não psíquico (outro), e também dentro da própria esfera psíquica. Estratégia

eficiente, mas que prejudica os processos de simbolização primários e lacera a subjetividade entre parte representada e parte não representada, como nos mostram as contribuições de Roussillon (2008; 2013) e de Green (1988). É o que impede a instauração de um espaço simbólico “entre-deux”, dificultando a experiência de “terceiridade” que permite o caminho da dimensão especular ao acesso à alteridade.

Nestes casos onde a presença do objeto é fundamental, faz-se necessária a proposição de uma teoria e uma prática psicanalítica intersubjetiva em oposição à tradicional perspectiva intrapsíquica.

E por apresentarem falhas no tecido representacional com angústias muito primitivas, estes pacientes nos convocam, no lugar de analista, a um uso mais intenso de nosso aparelho psíquico e da nossa presença como sujeito para estimular suas possibilidades de simbolização – aproximando-nos da ideia de construção proposta por Freud (1937/1969). Somos convidados a trabalhar como um facilitador à simbolização do analisando, trabalho diferente do nível de simbolização secundária com pacientes neuróticos, com os quais a posição do analista é mais neutra (Roussillon, 2011). E como há o predomínio do ato, fundamental dar prioridade à experiência em relação à interpretação (Green, 2000).

É o que Bollas (1988) também indica ao valorizar a experiência interior do psicanalista e suas associações livres, que como comunicação inconsciente podem proporcionar um espaço ideacional de *holding* para os conteúdos mentais narrados pelo analisando. Um movimento entre fronteiras, através do qual ele transforma o material do paciente em seu próprio material, trabalhando-o através de sua subjetividade e possibilitando a criação de vetor simbólico.

São casos que exigem que se repense o enquadre, exigem a revisão do analista pois nos solicitam a ultrapassar os nossos próprios limites: da teoria, do método, da interpretação (Pontalis, 2000).

9.

Mas afinal, o que dizer das fronteiras? Elas unem ou separam? Ao demarcar territórios, uma fronteira protege mas também divide. Ela traça uma linha a partir da qual ou se está dentro, ou se está fora, e onde podemos projetar a noção de diferença. Constrói separações que definem as alteridades, faz saber quem

somos, mas muitas vezes transformam as alteridades em estrangeiros e invasores, em ilegais.

No momento pós guerra fria, a queda do muro de Berlim e a unidade europeia trouxeram a esperança de um mundo sem as divisões impostas pelas ideologias. O que foi corroborado pelo advento da internet e da globalização.

No entanto, o geógrafo brasileiro Milton Santos (1995/2015) já apontava que a globalização criou as fronteiras mais rígidas da História, por estabelecer uma categorização de populações. O resultado foi o renascimento do preconceito étnico-racial de amplo espectro, porque sustentado por uma visão institucionalizada de não solidariedade e de não respeito ao Homem. A história humana construída sobre os fundamentos da informação e seu império, traz o risco da consagração de um discurso unívoco (Santos, 2019). Muitas vezes em bases *fake*.

Como nos sugere Pontalis (2000, p.373)) no tocante à Psicanálise, parte do problema está na obediência, “seja porque os mestres exigem e fabricam discípulos, seja porque os discípulos exigem um mestre”. Se assim for, retornaremos ao início das ciências e cairemos nas especializações: kleinianos, bionianos, winnicottianos, roussillonianos... Ora, lembremos que ter afinidade não nos torna especialistas, mas é convite ao diálogo. Caso contrário, ficaremos presos no registro do exilado ou do refugiado, com o estigma da exclusão.

Todos os pacientes são diferentes e únicos. E cabe a todos eles abalar as nossas pré-concepções e até nosso sentido identitário. Na relação de alteridade, paciente e analista encarnam o paradoxo de que apenas a admissão de uma identidade múltipla, seja teórica, seja pelos meandros do campo transferencial, seja oferecendo o *setting* que o paciente necessita, oferece a ambos a possibilidade de encontrar uma voz singular (Pontalis, 2000).

Por isso insisto que se a noção de fronteira incorpora a ideia de limite, ela também traz consigo a possibilidade de transgressão e convoca à sua ultrapassagem, à travessia do mesmo ao outro.

Neste sentido, as regiões fronteiriças são lugares de encontro entre dois mundos. Pressupõem o reconhecimento e o desejo de conhecimento sobre o outro. Criam um espaço entre, um espaço além de estar dentro ou estar fora; um dentro e fora. E como região de ambiguidade, as fronteiras ganham movimento. Lugar de devir e de criatividade para a produção teórica, para as questões de

enquadre e de *setting*, para a clínica do particular, extramuros e para o entendimento das dimensões político-culturais. Não podemos nos esquecer que acabamos de ter uma migração abrupta dos atendimentos presenciais para os virtuais em função de um vírus que desconhece fronteiras, e que nos obrigou a nos isolar nas nossas. Somente em movimento podemos ter a experiência de troca, de entendimento e reflexão, de produção de sentido. Somente em movimento a Psicanálise corporifica sua vocação migrante e multiterritorial; sem ponto de partida ou de chegada.

Senão, e aqui recorro à literatura, corremos o risco do perigo da história única. Título do livro de Chimamanda Adichie, onde conta que ao chegar à universidade nos Estados Unidos, sua parceira de quarto adotava uma atitude de pena condescendente pré-estabelecida (pré-conceituosa?). Presa a uma única história de superioridade em relação à África, a colega americana já “sabia” que havia entre elas uma distância intransponível, por Chimamanda ser nigeriana. Manter-se na posse de um terreno seguro e certo, sem abertura para o outro enquanto outro, sem o interesse de conhecer o outro em sua diferença – este é um risco que não podemos correr enquanto psicanalistas, sob a pena de matarmos aquilo que julgamos estar praticando.

Referências

- Adichie, Chimamanda N. (2019). *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Assoun, Paul-Laurent. (2012). *Freud e as ciências sociais*. São Paulo: Loyola.
- Bollas Christopher. (1998). *Sendo um personagem*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Danto, Elizabeth Ann. (2019). *As clínicas públicas de Freud*. São Paulo: Perspectiva.
- Freud, Sigmund. (1895/2016). "Estudos sobre a histeria" . In *Sigmund Freud obras completas*. Vol. 2. São Paulo: Companhia das letras.
- _____. (1895/1969). "Projeto para uma psicologia científica". In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Vol. I. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1913/2012) . "Totem e tabu". In: *Sigmund Freud obras completas*. Vol. 11. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1914/ 2010). "Introdução ao narcisismo". In *Sigmund Freud obras completas* vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1915/1969) "Reflexões sobre os tempos de guerra e de morte". In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.

- _____. (1915a/1969). “Sobre a transitoriedade”. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1920/1969). “Além do princípio do prazer”. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1921/2011). “Psicologia das massas e análise do eu”. In *Sigmund Freud obras completas volume 15*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1927/2010). “O futuro de uma ilusão”. In *Sigmund Freud obras completas vol. 18*. São Paulo: Companhia das letras. pp 13-353.
- _____. (1930/2010). “O mal-estar na civilização”. In: *Sigmund Freud obras completas*. Vol. 18. São Paulo: Companhia das letras.
- _____. (1937/1969). “Construções em análise”. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Vol. XXIV. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1932/1969). “Por que a guerra?” In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago. pp241-264.
- Foucault, Michel. (2011). *O nascimento da clínica*. São Paulo: Forense Universitária.
- Fuks, Betty. (2000). *Freud e a Judeidade: A vocação do exílio* [Kindle iOS version]. Retrieved from Amazon.
- _____. (2015). “Freud e a invenção da judeidade”. In *Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall* . v.7 n.2 (jul-dez).
- Green, Andre. (1988). *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte*. São Paulo: Escuta.
- _____. (2000). ”A crise do entendimento psicanalítico”. In *Psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2014). *El pensamiento clinico*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Herrmann, Fabio. (1999). *A psique e o eu*. São Paulo: Hepsyché.
- Levinas , Emmanuel (2008). *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70.
- Mbembe, Achile. (2011). *Necropolítica*. Espanha: Editorial Melusina
- Merleau-Ponty, Maurice. (2002). *A Prosa do Mundo*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Ogden, Thomas. (1996). *Os sujeitos da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pontalis, Jean-Bertrand. (1993). *La fuerza de atracción*. México: Siglo veintiuno.
- _____. (1997). *Ce temps qui ne passe pas*. [s.l.]. Gallimard.
- _____. (2000). “Laboratório central”. In *Psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- Puget, J. (2018). “Revisiting the concept of frame”. In Tylim, Isaac; Harris, Adrienne (orgs). *Reconsidering the Moveable Frame in Psychoanalysis: Its Function and Structure in Contemporary Psychoanalytic Theory*. Londres: Routledge.
- Roudinesco, E. (2010). *Em defesa da psicanálise: Ensaio e entrevistas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roussillon, René. (2008). “Traumatisme primaire, clivage et liaison primaires non symboliques”. In *Agonie, clivage et symbolisation*. Paris: PUF.
- _____. (2011). *Primitive agony and symbolization*. Londres: Karnak.
- _____. (2013). “Teoria da simbolização: a simbolização primária”. In Savietto, Bianca Bergamo; Figueiredo, Luís Claudio; Souza, Octavio (Org.). *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.

Said, Edward. (2001). *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras.
Santos, Moacir. (2019). *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record
Winnicott, Donald. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.